



## COP28

# Energia renovável

Representantes de 116 países se comprometeram a triplicar suas capacidades não poluentes até 2030. A negociação ocorreu no terceiro dia da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, nos Emirados Árabes

Líderes de 116 nações se comprometeram a triplicar suas capacidades para energias renováveis até 2030, e outros 20 prometeram o mesmo em relação à geração nuclear até 2050. O ato, considerado histórico, ocorreu ontem, durante o terceiro dia da COP28, Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Dubai, nos Emirados Árabes. Participaram Brasil, China, Índia, Estados Unidos e a União Europeia.

Os representantes dos países se comprometeram a “trabalhar juntos” para aumentar as capacidades renováveis globais, incluindo energia eólica, solar, hidroelétrica, e de outras fontes, até os 11 mil gigawatts (GW), em comparação com os cerca de 3.400 GW atuais.

Conforme o material divulgado pela agência internacional de notícias Agence France Presse (AFP), o debate em torno de energias renováveis e a opção nuclear é realizado há décadas, apesar de instituições

como a Agência Internacional de Energia (AIE) insistirem que essas opções são compatíveis.

Estados Unidos, França e Japão fazem parte do grupo de 20 países dispostos a triplicar a sua produção de energia nuclear até meados do século. “A realidade dos fatos e as provas dizem que não é possível chegar a emissões líquidas zero em 2050 sem alguma energia nuclear”, nas palavras do enviado especial dos EUA, John Kerry.

### Alternativa

No entanto, a energia nuclear não parece ser uma alternativa para todos. “Não temos tempo a perder com distrações perigosas como a energia nuclear”, reagiu Jeff Ordower, diretor para América do Norte do grupo ambientalista 350.org.

A lista de signatários da declaração pró-nuclear da COP28 incluiu países em desenvolvimento

como a Mongólia e Marrocos, e outros em guerra como a Ucrânia e grandes produtores de combustíveis fósseis, tal qual os Emirados Árabes Unidos.

Segundo cálculos da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), 412 reatores nucleares em 31 nações fornecem atualmente quase 10% da produção total de eletricidade do mundo. Isso representou o equivalente a 2.545 terawatts (TWh) em 2022.

Outro anúncio, simbólico, foi feito pelo presidente colombiano Gustavo Petro de que seu país se unia ao Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis. É a primeira nação não insular que se une ao tratado, um chamado que surgiu em 2019 de um grupo de ilhas do Pacífico, Ásia e Caribe.

A Colômbia é a quarta potência petrolífera latino-americana com cerca de 1 milhão de barris diários. Já os EUA anunciaram uma contribuição de três bilhões de dólares ao Fundo Verde para o Clima.

AFP



Autoridades internacionais fecham compromisso para uso adequado de fontes sustentáveis

## GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

# Bombardeios se intensificam

» RENATA GIRALDI\*

Israel intensificou ontem os bombardeios na Faixa de Gaza, depois do fim de uma semana de trégua com o Hamas, e se retirou das negociações que buscam um novo cessar-fogo no território palestino, alegando que estão “bloqueadas” as tratativas. O Exército israelense confirmou o ataque a mais de 400 alvos, dos quais 50 na área de Khan Yunis, onde o principal hospital palestino está em colapso.

Após os bombardeios, cortinas de fumaça tomaram conta dos céus de Gaza, onde o Ministério da Saúde, governado pelo movimento extremista Hamas, informou que 240 pessoas foram mortas e 650 ficaram feridas desde que a trégua expirou há dois dias.

Ativistas pró-Israel e pró-Palestina protestaram, em Washington, nos Estados Unidos, registrando momentos de emoção quando pessoas encenaram os mortos e feridos. Em Israel, as autoridades relataram que houve mais de 40 alertas de foguetes no centro e sul do país, que não deixaram vítimas. O

AFP



No segundo dia do cessar-fogo, ataques miram a Faixa de Gaza

governo israelense também anunciou que se retirou das negociações de Doha que conduziram ao cessar-fogo de 24 de novembro, mediado pelo Catar e apoiado pelo Egito e Estados Unidos.

Os temores por um conflito regional aumentaram depois que o Ministério sírio da Defesa denunciou bombardeios israelenses perto de Damasco. Paralelamente, o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou que revisará suas perspectivas econômicas para o Oriente Médio e a África do Norte em

decorrência da guerra. Não há detalhes se as revisões serão divulgadas antes da próxima publicação de perspectivas, programada para janeiro.

A guerra começou em 7 de outubro, quando o Hamas invadiu o sul de Israel, matou 1.200 pessoas, a maioria civis. Em resposta, Israel reagiu intensamente. Segundo o Hamas, os ataques deixaram mais de 15.000 mortos, a maioria civis. Desde o início da guerra, 110 reféns foram liberados, 105 graças à trégua.

\*Colaborou Rodrigo Craveiro

## ALERTA

# Terremoto de 7,6 nas Filipinas

Autoridades das Filipinas deram o alerta para um “tsunami devastador”, orientando quem mora no litoral para se deslocar para o interior, após um terremoto de magnitude 7,6 graus na escala Richter, seguido por uma forte réplica, sacudindo a ilha de Mindanao, no sul do arquipélago. A informação foi confirmada pelo Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS).

Ondas com mais de 1 metro acima da média devem atingir a costa. Até ontem não havia relatos de vítimas ou danos, mas o sargento da polícia de Hinatuan Joseph Lambo destacou que o terremoto foi “muito forte”.

O terremoto ocorre quase duas semanas depois que outro tremor de magnitude 6,7, atingiu Mindanao, causando

AFP



Moradores saem de casa e vão para as ruas após os abalos sísmicos

pelo menos nove mortes, abalando edifícios e derrubando parte do teto de um shopping.

Dyl Constantino, de 25 anos, estava no nordeste de Mindanao, quando o tremor ocorreu. “Foi o terremoto mais longo e forte que já vivi, provavelmente durou cerca de quatro minutos”, contou à AFP. “Todos nós entramos em pânico.”

Os tremores são comuns nas Filipinas, localizada ao longo do “Anel de Fogo”, um arco de intensa atividade sísmica e vulcânica que se estende do Japão ao Sudeste Asiático e à bacia do Pacífico. A maioria deles não é sequer percebida, mas terremotos fortes e devastadores ocorrem aleatoriamente.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

## O HOMEM DA GUERRA MORREU

Ele nasceu há 100 anos na Alemanha; fugiu de lá perseguido pelo nazismo. Acolhido como cidadão norte-americano, serviu como soldado na Segunda Guerra Mundial e voltou ao país que o expulsou para ocupá-lo com as forças aliadas. A fascinante, polêmica e verdadeiramente ativa vida do diplomata Henry Kissinger terminou quinta-feira passada em Connecticut, Estados Unidos. E como ele sempre previu, e até ajudou a torná-lo assim, com o mundo em permanente desordem e desarmonia entre povos e nações.

Kissinger recebeu o mais contestado e precipitado Prêmio Nobel da Paz por uma guerra que não tinha acabado. Dividiu com o comitê norueguês, que o concede, o constrangimento internacional de ver Le Duc Tho não aceitar a honraria, único indicado até hoje a recusar o prêmio. O líder vietnamita considerou incompleto e insuficiente os Acordos de Paris que previam terminar a guerra e restaurar a paz no Vietnã.

Secretário de Estado, embaixador, aconselhador — formal e informal — de presidentes norte-americanos por mais de 70 anos, tinha uma visão da ordem internacional muito própria, convergente para um lado e divergente para outro. Na América Latina, deixa triste memória por admitir, justificar ou não deter aliados rudes, adeptos de convulsões sociais e conflitos violentos, execução de opositores e desestabilização de governos constitucionalmente eleitos como ocorreu no Brasil, no Chile e na Argentina. O que não o impedia de aproximar os EUA da China e conseguir tratados de controle para limitar a produção de armas nucleares com a União Soviética.

Estadista de um mundo que sempre faz vista grossa à bagunça de países amigos, tentava equilibrar interesses militares de segurança pelas armas e o discurso de negligenciar a importância de promover governos

democráticos e comprometidos com os direitos humanos. Kissinger foi um equilibrista fenomenal. Sua balança diante de acontecimentos terríveis derivados de catástrofes políticas nacionais pendia sempre mais para a intervenção do que para o diálogo.

Com o tempo, passou a formular atitudes mais recomendáveis para consolidar a inequívoca liderança mundial dos EUA. Usava expressões como “projeto moral americano” para definir como fundamental à tradição ocidental apoiar o sistema eleitoral livre e combater o comunismo. Inventou uma combinação de realismo e idealismo, convencendo os políticos e acadêmicos de seu país que o debate americano seria mais aceito no mundo se esses dois elementos não fossem vistos como opostos e incompatíveis.

Deu opinião sobre tudo, como um dos mais prestigiados consultores políticos do mundo. Inclusive, ajudou na contratação de Pelé pelo Cosmos

de Nova York para ajudar na propaganda do futebol de origem inglesa nos EUA. Meteu-se no Oriente Médio, buscou explicar a mentalidade teocrática e estadista islâmica, as razões de Israel, a questão palestina, a noção de ordem do Irã, da Síria e das monarquias árabes. Ajudou a formular a multiplicidade das concepções de poder e influência na Ásia, de Japão, Índia, Coreia e China.

Admirador da Europa e da sua democracia pluralista e escudo militar como maior aliado dos EUA no mundo, dava mais atenção às guerras entre Estados do que a vida das pessoas comuns. Até que a violência não estatal de grupos civis, paramilitares, terrorismo, alertou as potências atômicas de que a realidade venceu a teoria, e que dispôs de meios de destruição total não é suficiente para fundar uma nova ordem mundial, partilhada e compreensível.

A ilusão de Henry Kissinger de que os Estados Unidos cumpriram seu papel geopolítico, econômico e cultural imperativo e incontestável não se tornou realidade. Não é possível traduzir culturas

divergentes num sistema comum. Aliás, nenhum país do mundo conseguirá resumir todos os outros. As estruturas regionais, culturas próprias, nacionalismos, preconceitos e exageros diversos não permitiram a criação de valores universais respeitados por todos onde as populações civis tenham direitos não violados. Uma ordem jurídica unilateral não se sustenta; uma multilateral não se afirmou, por mais que se tente.

É impossível saber qual o resultado e as consequências dos atos pensados e impensados de governantes e estadistas. Essa é a maior lição e regra da história humana. Henry Kissinger, tendo vivido por tanto tempo, atravessando o século com poder e influência, é uma pequena exceção dentre aqueles que não viram o mal ou o bem que fizeram ao mundo. O que ele fez, ele viu. E como assumiu a prevalência de suas ações sobre tantos fatos mundiais que tenha ido em paz com sua consciência acertar as contas com o Deus de todos nós.

PAULO DELGADO, sociólogo